

Eurípides

Íon

*Personagens*

Hermes

Íon

Coro de servas de Creúsa

Creúsa

Xuto

Velho

Servo de Creúsa

Pítia

Atena

## ***Prólogo***

*(A ação decorre em Delfos e começa ao despontar da madrugada. Ao fundo, o templo de Apolo. Entra Hermes.)*

### ***Hermes***

Atlas cujos ombros de bronze gastam a abóbada do céu, morada antiga dos deuses, de uma deusa gerou Maia, que, graças ao altíssimo Zeus, me concebeu, a mim, Hermes, servidor dos deuses. E eu chego a esta terra de Delfos, onde Febo, que tem a sua sede profética no centro do mundo, profere oráculos aos mortais, revelando sem cessar o presente e o futuro. Ora, não é obscura a cidade helênica, denominada de Palas, a deusa da Lança de Ouro, onde Febo violentou Creúsa, filha de Erecteu, sob a colina de Palas na terra ateniense, em que há rochas voltadas a norte, que os senhores do solo ático chamam Penhas Longas. Sem o conhecimento do pai – porque o deus assim o quis –, nas suas entranhas trouxe o fruto. Mas, quando chegou o tempo, Creúsa, dando à luz o filho no palácio, levou o recém-nascido para a mesma gruta onde tinha tido intimidade com o deus, e expô-lo, como se fosse para morrer, no espaço arredondado de um cesto côncavo, recordando o uso dos antepassados e de Erectônio, nascido da terra. Ao lado deste, a filha de Zeus pôs outrora como guardas duas serpentes e deu-o às virgens Aglaurides para olharem por ele; daí vem o costume de os Erectidas enfeitarem os filhos como serpentes de ouro. Foi assim que a donzela, tendo posto na criança os adornos que possuía, a abandonou como se fosse para morrer. Então Febo, falando de irmão para irmão, pede-me o seguinte: “Vai, tu, que és filho do mesmo pai, à população autóctone da ilustre Atenas – pois conheces a cidade da deusa –, e deixa-a no limiar da minha morada. O resto – é bom que saibas que é minha essa criança – ficará ao meu cuidado.” E eu, fazendo o favor a Lóxias, meu irmão, ergui o cesto entrançando, trouxe-o e depus o menino ao fundo dos degraus deste templo, destampando o cesto recurvo, para que a criança se visse. Ora aconteceu que, ao mesmo tempo que rompia o disco do sol, em sua cavalgada, no santuário divino entrava a profetisa; e, dirigindo o olhar para a criancinha, admirou-se que alguma donzela délfica pudesse ter ousadia de lançar um fruto de dores secretas na casa do deus, e a sua vontade era bani-la do templo; mas pôde mais nela a compaixão do que a dureza – o deus ajudou para que a criança não fosse expulsa de sua morada – e, levando-a consigo, criou-a, sem saber que Febo a gerara nem conhecer a mãe que a dera à luz. O menino tão

pouco soube quem eram os pais. Muito novo, andava brincando em redor dos altares que o nutriram; mas, quando se fez homem, os Dêlfios puseram-no como guardião dos tesouros do deus e fiel intendente de todos os seus bens, e no templo levou sempre até hoje uma vida virtuosa. Ora, Creúsa, a mãe do jovem, torna-se esposa de Xuto, nas seguintes circunstâncias: elevou-se entre os Atenenses e os Calcodôntidas, senhores da terra de Eubeia, uma onda de guerra; e Xuto, aliando-se a Atenas, que ajudou a vencer com a sua lança, recebeu a honra de desposar Creúsa, embora fosse estrangeiro, Aqueu de origem, nascido de Éolo, filho de Zeus. Mas estéril é a sua longa união, e ambos, por este desejo de filhos, vêm ao oráculo pítico. Assim Lóxias dirige os seus destinos, nada descurando, apesar das aparências. E será o seu próprio filho que ele dará a Xuto, quando este entrar no recinto profético, dizendo-lhe que nasceu dele, para que, chegando a casa da mãe, aquele seja reconhecido por Creúsa, a união de Lóxias fique secreta e o jovem possa fruir os seus direitos. E o nome será Íon, colonizador da terra asiática, famoso por toda a Hélade. Agora entro neste bosque de loureiros para ver o que vai acontecer ao rapaz. É que vejo sair neste momento o filho de Lóxias para limpar a estrada do templo com ramos de louro. E o nome de Íon, que lhe caberá em sorte, sou eu o primeiro dos deuses a dar-lho.

*(Íon, chegando, acompanhado por Dêlfios.)*

Eis a esplêndida quadriga!  
Hélios ilumina já a terra,  
e, ante o brilho do éter, os astros fogem  
para a noite sagrada.  
Do Parnaso os ínvios cumes,  
iluminados do alto, o disco do dia  
para os mortais acolhem.  
E, da mirra seca, o fumo para os telhados  
de Febo voa.  
Senta-se na trípode sacrossanta  
a mulher délfica, cantando aos Helenos oráculos,  
que brotam dos lábios de Apolo.  
Mas, ó Dêlfios, servidores de Febo,  
para os argênteos redemoinhos de Castália  
ide, e de um puro orvalho  
banhados, avançai para o templo.  
E velai por que a vossa boca

seja vigiada pelo silêncio,  
apenas dirigindo palavras de bom augúrio  
aos que esperam do oráculo  
uma voz favorável.

E eu, que sempre desde criança a estes trabalhos  
me dedico, com rebentos de louro  
a entrada de Febo vou limpar,  
embelezando-a com sacros festões,  
e também com gotas de água corrente  
o solo vou umedecer. E os bandos de aves,  
que prejudicam as santas oferendas,  
com o meu arco porei em fuga,  
porque, sem conhecer nem pai nem mãe,  
sirvo de Febo  
o almo templo.

*Estrofe*

Vamos, meu servidor,  
fresco rebento do mais belo loureiro,  
tu, que o altar de Febo  
varres junto ao templo,  
de imperecíveis jardins nasceste,  
onde os orvalhos sagrados,  
que fazem brotar a corrente perene  
das fontes, molham  
a cabeleira sagrada do mirto.  
Contigo varro o solo do deus,  
cumprindo diariamente  
o tempo todo que dura  
o vôo rápido do sol.

Ó Péan, ó Péan,  
bendito, bendito sejas,  
ó filho de Latona!

*Antiestrofe*

Esta nobre tarefa, ó Febo,  
Executo-o para ti, diante da tua morada,  
Honrando o assento profético.

Glorioso é o trabalho  
de prestar serviço aos deuses,  
de servir, não aos mortais, mas aos imortais.  
E não me canso  
destas piedosas lidas:  
Febo é para mim o pai que me gerou.  
Bendigo, pois, o deus que me alimenta  
e é o meu benfeitor  
que dou o nome de pai:  
é Febo, o Febo deste templo.

Ó Péan, ó Péan,  
bendito, bendito sejas,  
ó filho de Latona!

*Epodo*

Mas vou cessar esta tarefa  
De arrastar ramos de louro  
E destes vasos de ouro vou espalhar  
A água saída da terra,  
Que os redemoinhos de Castália  
Fazem brotar.  
A água lustral vou derramar,  
porque sou casto.  
Oxalá eu nunca deixe  
de servir assim a Febo,  
ou, se deixar, que seja por um feliz destino.  
Eh! Eh!  
Eis que chegam as aves  
que abandonam os ninhos do Parnaso.  
Ordeno-vos que não vos aproximeis das cornijas  
nem dos telhados incrustados de ouro.  
Varar-te-ei com o meu arco, ó arauto de Zeus,  
tu que dominas as aves  
com o teu bico acerado.  
Estoutro rema em direção aos altares,  
um cisne. Não quererás mover para outro lado  
as tuas patas encarnadas?  
Nem a lira de Febo, tua companheira,

do meu arco te poderá salvar.  
Move noutra sentido as tuas asas,  
no lago Délio pousa.  
Vais ensangüentar, se não obedeceres,  
os teus cantos harmoniosos.  
Eh! Eh!  
Qual é este novo pássaro que chega?  
Acaso, sob as cornijas, um ninho  
de palhas quer fazer para seus filhos?  
Vibrará a corda do meu arco para te afastar.  
Não obedeces? Retira-te para as águas redemoinhantes  
do Alfeu e aí gera filhos,  
ou para o vale arborizado do Istmo,  
não manches as oferendas  
e o templo de Febo...  
De vos matar contudo tenho escrúpulo,  
a vós anunciais os oráculos dos deuses  
aos mortais. Mas tenho de trabalhar  
para Febo: não deixarei  
de servir quem me alimenta.

### ***Párodos***

*(O Coro, formado pelas servas de Creúsa, entra na orquestra. Os seus elementos cantam, alternadamente, até ao encontro de Íon.)*

### ***Coro***

*Estrofe 1.<sup>a</sup>*

- Não só na divina Atenas  
existem moradas dos deuses,  
ornadas de belas colunas,  
e o culto de Apolo Agieiu;  
também junto de Lóxias, o filho de Latona,  
se encontra o esplendor e a graça  
da dupla face dum templo.  
Vê, observa!  
A hidra de Lerna é abatida  
Pelas cimitarras de ouro do filho de Zeus.  
Olha, amiga.

*Antiestrofe 1.<sup>a</sup>*

- Vejo. E, perto dele, outro herói  
eleva uma tocha incandescente.  
Não é aquele que enche as nossas conversas,  
durante os trabalhos do tear,  
Iolau, armado de escudo,  
Que os mesmos sofrimentos  
com o filho de Zeus suporta?  
- Oh! Observa este,  
montado no seu cavalo alado,  
a abater o monstro enorme de três corpos,  
cuja respiração é de fogo.

*Estrofe 2.<sup>a</sup>*

- Por toda a parte vagueia o meu olhar!  
Atenta no combate dos Gigantes  
Sobre as paredes de mármore.  
- Que espetáculo, amigas!  
- Vê-la a brandir o seu escudo,  
com a cabeça de Górgona, contra Encélado?  
- Vejo Palas, minha deusa.  
- E o raio forte de pontas flamejantes,  
que lança ao longe  
o braço de Zeus?  
- Vejo. O feroz  
Mimas a cinzas reduz.  
- E Brómio, o Bacante,  
Com seu tirso de hera não belicoso,  
Abate outro filho da Terra.

**Coro**

A ti, junto deste templo, me dirijo:  
É permitido transpor o limiar deste santuário,  
Nem que seja com os pés descalços...?

**Íon**

Não é permitido, estrangeiras.

*Antiestrofe 2.<sup>a</sup>*

*Coro*

Não poderias tu prestar-me uma informação?

*Íon*

Que desejas?

*Coro*

É verdade que é no templo de Febo  
que se encontra o umbigo da terra?

*Íon*

Sim, e de coroas revestido, rodeado de Górgonas.

*Coro*

Tal é o que se diz.

*Íon*

Se oferecetes diante do templo o bolo consagrado e desejas  
consultar Febo, aproximai-vos dos altares; mas não penetreis no interior  
do santuário sem ter imolado ovelhas.

*Coro*

Ficamos a saber.  
Não transgrediremos a lei do deus.  
O exterior saciará os nossos olhos.

*Íon*

Contemplai à vontade tudo o que vos é permitido.

*Coro*

Os meus amos deixaram que eu viesse  
admirar o santuário do deus.

*Íon*

De que casa vos dizei servas?

*Coro*

Juntamente com Palas habita a minha Senhora

no palácio dos meus soberanos.  
Mas aqui vem aquela por quem perguntas.

## 1.º Episódio

*(Íon dirige-se a Creúsa, que chega.)*

**Íon**

És nobre, o teu porte anuncia-o, quem quer que sejas, ó mulher. Assim, a maior parte das vezes, pela simples aparência se mede a qualidade da estirpe. Ah! Mas tu impressionas-me! Fechas os olhos e umedeces de lágrimas a tua nobre face, à vista do sacro santuário de Lóxias! Qual o motivo dessa aflição, mulher? Todos os que olham a mansão divina se alegram, e os teus olhos derramam lágrimas?

**Creúsa**

Revelas fina sensibilidade, ó estrangeiro, ao surpreenderes-te com as minhas lágrimas. A verdade é que eu, olhando a morada de Apolo, evoquei uma antiga recordação. O meu corpo estava aqui, mas o meu pensamento estava no meu país. Ó desventuradas mulheres! Ó ações reprováveis dos deuses! Onde é que havemos de ir buscar justiça, se perecermos pelas injustiças dos divinos Senhores?

**Íon**

Que dor secreta te atormenta, mulher?

**Creúsa**

Nada; já depus o meu arco. Com respeito a isto, calo-me, e tu não penses mais no assunto.

**Íon**

Quem és tu? De que terra vens? De que raça nasceste? Com que nome devo chamar-te?

**Creúsa**

Creúsa é o meu nome, de Erecteu nasci, e a minha pátria é a cidade dos Atenenses.

**Íon**

Ilustre é a tua cidade e nobres são os teus pais. Como te venero, ó mulher!

*Creúsa*

Até aqui, não mais além, ó estrangeiro, vai a minha felicidade.

*Íon*

Pelos deuses, é realmente verdade o que se conta?

*Creúsa*

Que perguntas, estrangeiro? Que queres saber?

*Íon*

O teu antepassado, pai do teu pai, nasceu da Terra?

*Creúsa*

Sim, Ericetônio; mas a forma do seu nascimento nada me serve.

*Íon*

É verdade que Atena o recolheu da terra?

*Creúsa*

Sim, em seus braços virginais, sem o ter concebido.

*Íon*

E deu-o, como é vulgar ver representado em pinturas...?

*Creúsa*

Às filhas de Cécrops para cuidarem dele, mas sem o verem.

*Íon*

As donzelas abriram, ouvi dizer, o cesto da deusa.

*Creúsa*

Por isso, a sua morte manchou de sangue o cimo do rochedo.

*Íon*

Bem! E estoura história é verdadeira ou falsa...?

*Creúsa*

Que queres perguntar? Porque eu tenho muito tempo.

*Íon*

O teu pai Erecteu imolou as tuas irmãs?

*Creúsa*

Ele teve a coragem de matar as donzelas em sacrifício pelo seu país.

*Íon*

E como é que só tu entre as tuas irmãs te salvaste?

*Creúsa*

Eu era uma criança recém-nascida nos braços de minha mãe.

*Íon*

É verdade que o abismo da Terra esconde o teu pai?

*Creúsa*

Os golpes do tridente marinho fizeram-no perecer.

*Íon*

Há lá algum lugar chamado Penhas Longas?

*Creúsa*

Por que perguntas isso? Que recordação me despertaste!

*Íon*

Honrado pelo Pítio e pelos relâmpagos pítios?

*Creúsa*

Honrado? Porque honrado? Quem me dera nunca ter visto este lugar!

*Íon*

E por que odeias tu o que o deus mais ama?

*Creúsa*

Por nada; o fato é que conheço um segredo vergonhoso dessas grutas.

**Íon**

Mas que Ateniese, ó mulher, te desposou?

**Creúsa**

Não foi um Ateniese, foi um estrangeiro.

**Íon**

Quem é? De nobre raça deve ele descender.

**Creúsa**

Xuto, nascido de Éolo, filho de Zeus.

**Íon**

E como te obteve ele, sendo estrangeiro, a ti que é ateniense?

**Creúsa**

A Eubeia é um país vizinho de Atenas...

**Íon**

Por úmidos confins delimitados, segundo dizem.

**Creúsa**

E ele destruiu-o juntamente com os descendentes de Cécrops.

**Íon**

Foi em socorro deles e por isso recebeu a tua mão?

**Creúsa**

Como dote de guerra e prêmio de lança.

**Íon**

Vens ao oráculo com teu esposo ou sozinha?

**Creúsa**

Com o meu marido. Mas ele ficou ainda no templo de Trofônio.

**Íon**

Como simples visitante ou como consulente?

*Creúsa*

Junto dele e de Febo deseja informar-se de uma coisa.

*Íon*

Vindes por causa de colheitas ou de filhos?

*Creúsa*

Continuamos sem filhos, depois de uma longa união.

*Íon*

Jamais deste à luz, e és estéril?

*Creúsa*

Febo sabe da minha falta de filhos.

*Íon*

Feliz em tudo o mais, pobre mulher, não é feliz.

*Creúsa*

E tu quem és? Como é venturosa a tua mãe!

*Íon*

Chamam-me e sou servo da divindade, ó mulher.

*Creúsa*

Oferenda religiosa duma cidade, ou vendido por alguém?

*Íon*

Só sei de uma coisa: dizem que sou de Lóxias.

*Creúsa*

Então, estrangeiro, é a minha vez de te lamentar.

*Íon*

É certo que não conheci nem pai nem mãe.

*Creúsa*

Habitas neste templo, ou uma casa?

*Íon*

Toda a morada do deus é minha, quando quero dormir.

*Creúsa*

E vieste para o templo criança, ou já eras jovem?

*Íon*

Recém-nascido, dizem os que parecem saber.

*Creúsa*

E que mulher délfica te alimentou com o seu leite?

*Íon*

Jamais conheci o seio; mas a que me criou...

*Creúsa*

Pobre rapaz, quem era? Em ti encontro os meus sofrimentos!

*Íon*

A profetisa de Febo, que considero como mãe.

*Creúsa*

E com que meios te sustentaste até a adolescência?

*Íon*

Os altares e os visitantes que chegam continuamente alimentaram-me.

*Creúsa*

Infeliz é a tua mãe, quem quer que ela seja!

*Íon*

Nasci talvez da falta de uma mulher.

*Creúsa*

Mas tens recursos; dispões de belas vestes.

*Íon*

Os meus adornos são do deus, a quem sirvo.

*Creúsa*

E não te esforçaste por descobrir a tua origem?

*Íon*

Como, se não tenho nenhum indício, ó mulher?

*Creúsa*

Ai! Outra mulher sofre o mesmo que a tua mãe...

*Íon*

Quem? Se me ajudasses na busca, sentir-me-ia feliz?

*Creúsa*

Por causa dela vim aqui, antes de meu marido chegar.

*Íon*

E que desejas tu? Aceita a minha ajuda, mulher.

*Creúsa*

Quero obter de Febo um oráculo secreto.

*Íon*

Explica-te; interessar-me-ei pelo teu caso.

*Creúsa*

Escuta, então, a história. Mas a vergonha faz-me hesitar...

*Íon*

Assim não farás nada: essa deusa é lenta.

*Creúsa*

A Febo, uma amiga minha diz ter-se unido...

*Íon*

A Febo, uma mulher? Cala-te, estrangeira.

*Creúsa*

E teve um filho do deus, sem o pai saber.

*Íon*

Não é possível; o que ela tem é vergonha da sua falta com um homem.

*Creúsa*

Ela não fala assim, e tem sofrido muito.

*Íon*

Mas que fez ela para isso, se está intimamente unida a um deus?

*Creúsa*

É que ela expôs o filho que deu à luz.

*Íon*

E onde está a criança exposta? Vive?

*Creúsa*

Ninguém sabe. É isso mesmo que venho perguntar ao oráculo.

*Íon*

E se a criança já não existe, como pereceu?

*Creúsa*

Ela supõe que o infeliz foi morto por animais selvagens.

*Íon*

Que é que a levou a pensar nisso?

*Creúsa*

Voltando ao lugar onde o expôs, já não o encontrou.

*Íon*

E havia alguma gota de sangue no caminho?

*Creúsa*

Diz que não. E, no entanto, percorreu muitas o local.

*Íon*

Há quanto tempo pereceu a criança?

*Creúsa*

Se fosse viva, teria a tua idade.

*Íon*

O deus é injusto e a mãe digna de dó.

*Creúsa*

Sim, porque ela não teve outro filho depois.

*Íon*

E se Febo o estivesse a criar em segredo?

*Creúsa*

Não seria justo, regozijar-se sozinho com um bem comum.

*Íon*

Ai! Como essa sorte é semelhante ao meu infortúnio!

*Creúsa*

Também tu, ó estrangeiro, sentes, creio eu, a falta da tua mãe infeliz.

*Íon*

Não me lembres dores esquecidas.

*Creúsa*

Eu calo-me. Mas conduz a bom termo o que te peço.

*Íon*

Sabes o que há de complicado em toda essa história?

*Creúsa*

Mas haverá algo sem sofrimento para esta desgraçada?

*Íon*

Como há de o deus proferir o oráculo que quer esconder?

*Creúsa*

Ao sentar-se na trípole, não pode deixar de responder a todos os Gregos.

*Íon*

Ele sente vergonha do seu ato, não o forces.

*Creúsa*

E a dor que sente aquela que é vítima desta fortuna?

*Íon*

Não encontras quem te comunique um oráculo dessa natureza. Porque, demonstrada a sua falta na sua própria casa, Febo não deixaria de, justamente, punir o autor da revelação. Desiste, mulher. Não se deve consultar o deus contra a sua vontade. Em grande loucura incorreríamos se obrigássemos os deuses a dizerem aquilo que não querem, imolando cabras diante do altar ou recorrendo ao vô das aves. É que, se nós alcançarmos pela força alguma coisa contra a vontade dos deuses, adquirimos um bem forçado, ó mulher; e só aquilo que os deuses dão de bom grado nos pode ser útil.

*Coro*

Muitas são as desgraças que, sob várias formas, atacam os mortais. É muito difícil encontrar a felicidade na existência humana.

*Creúsa*

Ó febo, não foste justo outrora nem agora para a ausente, cujas razões aqui faço valer; por que não salvaste o teu filho, quando devias salvá-lo, nem, profeta como és, respondes às perguntas da mãe, para que, se aquele já não vive, o possa meter num túmulo, e se vive o possa tornar a ver. Mas aceitemos a situação, já que sou impedida pelo deus de saber o que desejo. Eis porém, ó estrangeiro, que vejo o meu nobre esposo, Xuto, já perto, vindo o sacro antro de Trofônio. Não digas a meu marido nada do que te contei, para que a minha honra não sofra por suspeita de manejos secretos e não aconteça que as minhas palavras tenham um desfecho diferente daquele que projetamos. A condição das mulheres é difícil quando comparada à dos homens, porque em nós andam misturadas as boas com as más, e por isso somos odiadas: assim desgraçadas nascemos!

*Xuto (chegando.)*

Receba o deus em primeiro lugar as primícias das minhas saudações e a seguir tu, mulher. A minha demora alarmou-te?

*Creúsa*

Não; no entanto, começava já a estar um pouco inquieta. Mas diz-me: que resposta trazes de Trofônio? Como podemos nós ter descendência?

*Xuto*

Ele não se prestou a antecipar o oráculo do deus; todavia, uma coisa disse: que nem eu nem tu voltaremos para casa sem filhos.

*Creúsa*

Ó mãe augusta de Febo, que a nossa chegada se faça sob bons auspícios e as nossas relações com teus filhos possam tornar-se mulheres!

*Xuto*

Assim veja! Mas quem fala aqui em nome do deus?

*Íon*

Fora do templo sou eu, mas no interior outros velam, sentados juntos à trípole. São, ó estrangeiro, os mais nobres de Delfos, aqueles que a sorte designou.

*Xuto*

Bem! Agora sei tudo o que desejava. Vou entrar. É que, segundo ouvi dizer, já foi sacrificado em nome dos consulentes uma vítima comum diante do templo; e eu quero neste dia – dia favorável – obter uma resposta do deus. E tu, em redor dos altares, ó mulher, com ramos de louro na mão, dirige preces aos deuses para que eu traga do templo de Apolo um oráculo prometedor de filhos.

*Creúsa*

Sim, assim seja! E se Lóxias agora, finalmente, quer reparar as suas fadigas faltas, não será ainda inteiramente meu amigo, mas tudo o que quiser dar-me – pois é deus – eu aceitarei.

### *Íon*

Por que é que esta estrangeira faz sempre alusão ao deus com palavras obscuras e injuriosas? É por amizade por aquela em cujo nome pede o oráculo, ou cala ela alguma coisa que cumpre passar em silêncio? Mas que me importa a mim a filha de Erecteu? Não me pertence. Vou antes com jarros de ouro enches os vasos de água lustral. Contudo, devo censurar Febo. Que se passa com ele? Possui pela força donzelas e abandona-as? Engendra filhos em segredo e deixa-os perecer? Não procedas tu assim; pratica a virtude, se deténs o poder. Porque todo aquele que é mau é punido pelos deuses. Como poderá, pois, admitir-se que vós, que prescreveis as leis para os mortais, sejais culpados de iniquidade? E tal não pode acontecer, mas ponhamos esta hipótese: se um dia prestásseis contas aos homens dos vossos amores violentos, tu, Poseidon e Zeus, senhor do céu, esvaziáreis os vossos templos, para pagar a pena das vossas faltas. Cometeis injustiça, procurando com afã o prazer sem refletir nas conseqüências. Não mais será justo censurar os homens por imitarem o que os deuses aprovam, Censurem-me, sim, os que ensinam estas coisas.

*(Sai)*

## 1.º Estásimo

*Estrofe*

### **Coro**

A ti, que viste a luz  
sem a ajuda de Eilitia,  
minha Atena, te suplico,  
tu que o Titã Prometeu fez nascer  
do cimo da cabeça de Zeus,  
ó bem-aventurada Nike,  
vem ao templo pítico.  
Dos tálamos de ouro do Olimpo  
Voa para estas ruas,  
onde o templo de Febo  
no centro da terra,  
junto da trípole cercada de danças,  
dá oráculos infalíveis.  
Tu e a filha de Latona,  
ambas deusas, ambas virgens,  
irmãs augustas de Febo,  
intercedei, ó donzelas,  
para que a raça ancestral de Erecteu  
receba enfim de um oráculo claro  
uma rica descendência.

*Antiestrofe*

É base inabalável  
de excelsa  
felicidade para os mortais,  
que brilhe no lar paterno  
e vigor juvenil e fecundo  
dos filhos,  
herdeiros duma riqueza  
que passará a nova geração.  
Eles são, na adversidade, a nossa força,  
na prosperidade a nossa alegria  
e com a lança na mão dão à terra pátria  
a proteção salvadora.  
Possa eu de preferência à riqueza  
e aos tálamos reais

cuidar da educação de filhos virtuosos.  
Tenho horror a uma vida sem filhos,  
censuro quem tal estima:  
possua eu apenas modesta fortuna,  
mas alegrada por uma descendência feliz.

*Epodo*

Ó trono de Pã,  
rochedo vizinho  
das Penhas Longas cheias de recessos!  
Aí as três filhas de Aglauro  
com seus pés pisam a compasso  
os vastos espaços verdejantes  
em frente dos templos de Palas,  
entre notas variadas  
de cantos de flauta,  
que tu sopras, ó Pã,  
nas tuas grutas sem sol.  
Aí uma virgem, infeliz, de Febo  
deu à luz um filho  
e o expôs para presa das aves,  
pasto sangrento das feras,  
como ultraje à união amarga.  
Nem em conversas ao tear, nem nas fábulas  
que se contam ouvi que gozem de felicidade  
os filhos dos deuses e dos mortais.

## 2.º Episódio

**Íon** (*entrando*)

Ó servas, que estais de guarda à espera do vosso amo junto aos degraus do templo onde se oferecem os sacrifícios, Xuto deixou já a trípode sagrada e o oráculo, ou continua no templo a sua consulta sobre a falta de filhos?

**Coro**

Está no templo, ó estrangeiro; não transpôs ainda o limiar. Mas deve estar a sair, ouço um ruído de portas. Ei-lo, está à vista o meu Senhor.

**Xuto** (*saindo do templo*)

Ó meu filho, regozijai-te; este começo de discurso está perfeitamente certo para mim.

**Íon**

Regozijo-me; tem tu bom senso, e ambos passaremos bem.

**Xuto**

Permite-me que eu beije a tua mão e te abrace.

**Íon**

Estás no teu juízo? Ou uma calamidade enviada por um deus, ó estrangeiro, te enlouqueceu?

**Xuto**

Louco, eu? Encontrei o que mais amo. Por que não hei de abraçar-te?

**Íon**

Deixa-me! Não vás, ao tocar-me, rasgar as fitas do deus.

**Xuto**

Tocar-te-ei! Não estou a fazer violência, pois é o meu bem que encontro.

**Íon**

Se não me largas, as minhas flechas vão penetrar nas tuas entranhas.

**Xuto**

Por que me foges tu, após teres conhecido o teu parente mais querido?

*Íon*

Não gosto de chamar à razão estrangeiros grosseiros e loucos.

*Xuto*

Mata-me e queima-me! Porque, se me matares, serás o assassino de teu pai.

*Íon*

Como, tu meu pai? Isso é para me fazer rir?

*Xuto*

Não; a continuação das minhas palavras poderá demonstrar-to.

*Íon*

E que me vais contar?

*Xuto*

O teu pai sou eu e tu o meu filho.

*Íon*

Quem disse isso?

*Xuto*

Lóxias, que te criou, meu filho.

*Íon*

Não tens outro testemunho senão o teu próprio.

*Xuto*

E o oráculo do deus?

*Íon*

Ouviste um enigma e foste induzido em erro.

*Xuto*

Será que não ouço bem?

*Íon*

Mas que disse Febo?

*Xuto*

Que aquele que eu encontrasse...

*Íon*

Encontrasses, como?

*Xuto*

Ao sair do templo divino.

*Íon*

Teria que sorte?

*Xuto*

Seria meu filho.

*Íon*

Teu por nascimento ou por doação?

*Xuto*

Doação daquilo que é meu.

*Íon*

Foi de mim, na verdade, que primeiro se aproximaram os teus passos?

*Xuto*

Sim, meu filho, de ninguém mais.

*Íon*

De onde vem esta estranha sorte?

*Xuto*

Somos dois a admirar-nos.

*Íon*

Mas então? Quem é a minha mãe?

*Xuto*

Não sei dizer.

*Íon*

Nem Febo disse?

*Xuto*

Feliz como estava, não perguntei.

*Íon*

Será a terra a minha mãe?

*Xuto*

Não nascem filhos da terra.

*Íon*

Como sou eu, então, teu filho?

*Xuto*

Não sei, pergunta-o ao deus.

*Íon*

Bem! Entabulemos outra conversa.

*Xuto*

Será melhor, meu filho.

*Íon*

Tiveste alguma união ilegítima?

*Xuto*

Sim, loucuras da mocidade.

*Íon*

Antes de desposares a filha de Erecteu?

*Xuto*

Sim. Depois, nunca mais.

*Íon*

Foste, pois, tu que me geraste?

*Xuto*

As datas conjugam-se.

*Íon*

Mas depois como cheguei até aqui?

*Íon*

Esse ponto é que eu não sei explicar.

*Íon*

Tive de fazer longo trajeto.

*Xuto*

Também isso excede a minha compreensão.

*Íon*

Vieste outrora aqui à rocha pítica?

*Xuto*

Sim, às festas das tochas de Baco.

*Íon*

Hospedaste-te em casa de algum próximo?

*Xuto*

Sim, que com as jovens de Delfos...

*Íon*

Te associou num tíaso, queres tu dizer?

*Xuto*

Com as Ménades de Baco.

*Íon*

E estavas sóbrio ou ébrio?

*Xuto*

Nas alegrias de Baco.

*Íon*

E foi assim que eu fui gerado.

*Xuto*

O destino é que decidiu, meu filho.

*Íon*

Mas como cheguei eu ao templo?

*Xuto*

Exposto pela jovem, talvez.

*Íon*

Escapo assim à servidão.

*Xuto*

Aceita, pois, um pai, meu filho.

*Íon*

Ao deus, na verdade, não se deve recusar confiança.

*Xuto*

Tens razão.

*Íon*

E que outra coisa posso eu desejar...

*Xuto*

Agora vês as coisas à sua própria luz.

*Íon*

Senão ser filho de um filho de Zeus?

*Xuto*

É o que tu és.

*Íon*

O meu pai, posso, então, abraçar?

*Xuto*

Sim, crê no deus.

*Íon*

Salve, mau pai!

*Xuto*

Grata é a saudação que ouço.

*Íon*

E saúdo também este dia...

*Xuto*

Que me tornou feliz.

*Íon*

Ó mãe querida! Quando poderei contemplar também o teu rosto? Agora, mais do que nunca, anseio ver-te, quem quer que sejas! Mas talvez tenhas morrido, e isto não seja possível...

*Coro*

Em comum com os meus amos vivo os sucessos felizes da casa; gostaria, no entanto, que a minha Senhora e o lar de Erecteu fossem também afortunados com respeito a filhos.

*Xuto*

Ó meu filho, o deus, na sua justiça, realizou o nosso encontro, reunindo-te a mim e fazendo-te descobrir a pessoa que te é mais cara, que tu não conhecias antes. E o mesmo ardente desejo nos une, meu filho: tu anseias por encontrar a tua mãe e eu a mulher de que nasceste. Com a ajuda do tempo, talvez a possamos encontrar. Mas deixa o solo do deus e a tua vida miserável e vem para Atenas de pleno acordo com teu pai. Lá esperam-te o meu feliz cetro e a minha imensa riqueza. Assim, livrando-te ao mesmo tempo do duplo infortúnio de baixo nascimento e da pobreza, serás amado, nobre e abastado. Calas-te? Por que baixas os olhos para a terra, te preocupas e abandonas a tua alegria, assustando o teu pai?

## *Íon*

O aspecto das coisas não parece o mesmo, quando as examinamos à distância ou de perto. Alegra-me, sem dúvida, a circunstância de Ter encontrado em ti um pai; mas atende às seguintes reflexões. Dizem que o povo autóctone e glorioso de Atenas está isento de sangue estrangeiro. Nesta cidade cairei, sofrendo do duplo mal de ser filho de um estrangeiro e, ainda por cima, bastardo. Alvo desta censura, se me faltar o poder, serei alcunhado de ninguém, filho de ninguém. Se, pelo contrário, procurar ser alguém, esforçando-me por alcançar a primeira posição da cidade, serei odiado pelos incapazes, porque a superioridade é sempre penosa. Quanto aos que, sendo honestos e capazes de sabedoria, se calam e evitam lançar-se na vida pública, para estes farei figura de riso e de loucura, por não me manter tranqüilo na cidade cheia de receio. E aqueles que forem hábeis na política, se me virem ascender a qualquer dignidade, hão de usar os seus votos contra mim, por que assim, meu pai, são as coisas: os que detêm o poder e as honras são maiores adversários para os seus rivais. E indo para casa de outrem, como intruso, para o pé de uma mulher sem filhos, que partilhava contigo a sorte de outrora, e agora, desiludida, suportará com amargura o seu próprio destino, como não serei com razão odiado por ela quando estiver ao teu lado e atua mulher estéril olhar amargamente o teu filho? Depois, ou tu me trais para gradar a tua esposa, ou arruinas a paz da tua casa para me honrar. Quantos assassínios e mortes por venenos fatais têm as mulheres forjado a seus maridos! Além disso, eu tenho compaixão da tua esposa, meu pai, que envelhece sem filhos e que, nascida de nobres antepassados, não é digna de ser estéril. Doce no aspecto exterior, a soberania, em vão louvada, é amarga por dentro. Quem poderá, pois, dizer-se feliz, quem afortunado, se levar a vida entre temores e suspeitas? Eu antes quero viver feliz como simples cidadão do que como tirano, que se compraz em ter por amigos os perversos e odeia os bons com medo de morrer. Tu dirás que o ouro compensa tudo e quer ser rico é agradável. Eu não gosto, para conservar nas mãos uma fortuna, de estar atento a rumores, nem de viver entre preocupações. Uma vida modesta basta-me, desde que eu não me inquiete. Quanto aos bens que eu aqui tinha, meu pai, escuta-me: primeiro o descanso, tão caro ao homem, e pouca perturbação. Nenhum perverso me fazia sair do caminho: ora, é intolerável ceder a passagem aos maus. Nas preces aos deuses ou no diálogo com os mortais sempre os meus serviços foram motivo de regozijo, nunca de lamentação. Enquanto acompanhava à saída uns visitantes, outros chegavam, de modo que era sempre com agrado que as caras novas se deparava uma cara nova. E em mim se cumpria o que se deve desejar aos

homens, mesmo contra a sua vontade: a lei e a natureza faziam de mim um justo servidor do deus. Pensando nisto, julgo que as coisas aqui são melhores dos que as de lá, meu pai. Deixa-me viver neste lugares; com efeito, não tem maior encanto exultar com a grandeza que contentar-se com pouco.

*Coro*

Falaste bem, se aqueles que eu amo forem felizes com as tuas palavras.

*Xuto*

Deixa-te de considerações, sabe ser feliz; porque eu quero, no lugar em que te encontrei, meu filho, preparar uma mesa geral, tomando lugar num festim em comum, e oferecer em honra do teu nascimento o sacrifício que antes não ofereci. Mas agora quero deleitar-te com um jantar como se te trouxesse ao meu lar na qualidade de hóspede. E levar-te-ei para a terra de Atenas como um visitante, não como meu filho, porque não quero, com a minha felicidade, afligir a minha esposa sem filhos. Com o tempo, acharei ocasião de levar Creúsa a deixar-te o meu cetro. E chamo-te Íon, nome que convém à tua sorte, quando eu saía do santuário do deus, foste tu o primeiro a aproximar de mim os teus passos. Mas convoca a multidão dos teus amigos para este alegre banquete e despede-te, visto que estás para abandonar a cidade de Delfos. A vós, servas, ordeno-vos silêncio sobre estas coisas, ou espera-vos a morte, se falais disto a minha mulher.

*Íon*

Vou já', mas para ser feliz uma coisa me falta. Se não encontrar aquela que me concebeu, meu pai, a vida ser-me-á intolerável. E se me é lícito exprimir um voto, possa minha mãe ser de Atenas, para que ela eu receba o direito de falar livremente. É que, se um estrangeiro entra na cidade de pura linhagem, ainda que de nome se torne cidadão, a sua língua permanecerá escrava, nunca poderá exprimir-se com inteira liberdade.

*(Saem.)*

## 2.º Estásimo

### Coro

### Estrofe

Antevejo lágrimas e gritos  
de dor e explosões de gemidos,  
quando a minha Senhora souber  
que o seu esposo goza da glória da paternidade,  
enquanto ela é estéril e privada de filhos.  
Ó deus-profeta, filho de Latona,  
que oráculo nos deste?  
Donde proveio esta criança no teu templo  
criada? De que mulher?  
Não me agrada este oráculo, que pode conter algum dolo.  
Receio as circunstâncias,  
o que irá acontecer.  
Estranhamente, sobre estes estranhos fatos  
o meu amo me ordena silêncio.  
Há qualquer fraude e artifício no caso desta criança,  
nascida de sangue estrangeiro.  
Quem não estará de acordo com isto?

### Antiestrofe

Amigas, aos ouvidos da minha Senhora  
irei eu fazer chegar tudo isto, sem rodeios,  
a história deste esposo que era tudo para ela,  
de cujas esperanças, infeliz, participou?  
Agora ela debate-se na dor, enquanto ele é feliz.  
E vão chegar as cãs da velhice, e o esposo  
não há de querer saber quem devia amar,  
ele, o miserável estrangeiro que, admitido em sua casa,  
não soube tornar-se digno da sua grande fortuna.  
Ah! Que morra, que morra quem enganou a minha Senhora!  
E que ele não possa mais consagrar  
sobre o fogo do altar auspiciosamente ardente  
um bolo ritual. Saberá  
como sou dedicada  
à minha Rainha.  
Mas já se aproximaram da sua nova festa

o novo pai e filho.

*Epodo*

Ó escarpas da montanha do Parnaso  
que sustentais os cumes e a morada celeste,  
onde Baco agita as sua ígneas tochas  
e salta veloz com as noctívagas Bacantes,  
oxalá este jovem nunca chegue à minha cidade,  
oxalá ele morra ao entrar na sua nova existência,  
para que a minha cidade não tenha de queixar-se outra vez  
da invasão de estrangeiros...  
Já nos basta aquela de que nos livrou  
o nosso chefe de outrora,  
o rei Erecteu.

### 3.º Estásimo

*Creúsa* (subindo para o templo com um velho servo.)

Ó ancião, tu, que em tempos cuidavas dos filhos de meu pai Erecteu, quando ele ainda era vivo, sobe, ainda que te custe, até o oráculo do deus, para participares da minha alegria, se o senhor Lóxias me profetizou já que teria descendência. Com amigos é agradável partilhar a felicidade. Mas se – oxalá que tal não aconteça! – sobrevier alguma desgraça, é doce olhar o rosto de um bom amigo. É que eu, embora tua Senhora, interesse-me por ti como por um pai, tal como tu outrora fizeste ao meu.

*Velho*

Ó minha filha, conservas uma alma digna de teus nobres pais e não desonraste os teus antepassados, filhos da terra. Ajuda-me, ajuda-me a subir até o santuário, conduz-me. Fica muito alto o oráculo; precisam do teu auxílio as minhas pernas, sê tu o médico da minha velhice.

*Creúsa*

Acompanha-me, então, e repara bem onde pões os pés.

*Velho*

Ah! Lento é o meu pé, mas o espírito ainda é rápido.

*Creúsa*

Apoia no bastão os teus passos que vacilam no solo.

*Velho*

Cego é este bastão, quando eu vejo tão mal.

*Creúsa*

Tens razão; mas não cedas à fadiga.

*Velho*

Não é por minha vontade, mas as forças faltam-me.

*Creúsa*

Ó mulheres, servas fiéis da minha lançadeira e tear, que sorte veio meu esposo encontrar com respeito aos filhos por que viemos? Dizei-mo;

se me revelardes um boa nova, não usareis o vosso préstimo em amos ingratos.

*Coro*

Ó destino!

*Velho*

Este prelúdio não anuncia felicidade!

*Coro*

Ó malfadada!

*Velho*

Irei eu afligir-me com os oráculos do meu amo?

*Coro*

Ai de nós! Que faremos, se isto pode para nós significar a morte?

*Creúsa*

Que tom é esse? A que propósito é esse receio?

*Coro*

Falamos ou calamo-nos? Que havemos de fazer?

*Creúsa*

Fala! Tens para me anunciar alguma desgraça.

*Coro*

Falarei, mesmo que tenha de morrer duas vezes. Não te é possível, ó minha Senhora, apertar filhos em teus braços nem estreitá-los um dia em teu peito.

*Creúsa*

Ah, pudesse eu morrer!

*Velho*

Minha filha!

*Creúsa*

Ah, infeliz que eu sou!  
Funesto acontecimento! Recebo e sofro uma dor  
que me mata a alegria de viver, minhas amigas.

*Velho*  
Estamos perdidos, minha filha!

*Creúsa*  
Ai! Ai!  
Uma dor agida trespassa  
o meu coração.

*Velho*  
Não te lamentes ainda...

*Creúsa*  
Mas não me faltam motivos para gemer.

*Velho*  
Antes de saber...

*Creúsa*  
Que posso eu saber mais?

*Velho*  
Se o meu amo participa da tua desgraça, ou se só tu és infeliz.

*Coro*  
A ele, ó ancião, Lóxias deu um filho. Por isso, em separado, goza  
sem ela a sua felicidade.

*Creúsa*  
Ah! Esse é o último retoque nos meus males.  
Só dor e gemidos me esperam!

*Velho*  
Mas deverá ainda nascer de alguma mulher o filho de quem  
falaste, ou anunciou-o o oráculo já nascido?

*Coro*

Já nascido: Lóxias deu-lhe um jovem na força da vida. Eu estava presente.

*Creúsa*

Como dizes? Indizível, indizível,  
inaudita história me contas tu!

*Velho*

E a mim. Mas como se cumpriu o oráculo? Explica-me mais claramente. E que é a criança?

*Coro*

Aquele que primeiro o teu esposo encontrasse ao sair do templo, o deus deu-lho por filho.

*Creúsa*

Ai! Ai! E sem filhos, sem filhos  
profetizou então que seria a minha vida?  
E hei de habitar na solidão uma casa desolada?

*Velho*

Mas quem foi designado pelo oráculo? Quem é que o esposo desta infeliz encontrou? Como e onde o viu?

*Creúsa*

Lembras-te, cara Senhora, do jovem que varria o templo? É ele o filho.

*Creúsa*

Pudesse eu voar pelo líquido éter  
bem longe da terra helênica, até aos astros da noite,  
tão grande é a dor, minhas amigas, tão grande a dor que sofro!

*Velho*

E que nome lhe deu seu pai? Sabes, ou isso ainda é secreto, de todo incerto?

*Coro*

Íon, porque foi ele o primeiro que aproximou os passos de seu pai.

*Velho*

E quem é a sua mãe?

*Coro*

Não sei dizer. Mas – para que saibas tudo por mim, ó ancião – sem dar conhecimento a Creúsa, Xuto partiu para as tendas sagradas, a fim de oferecer pelo filho os sacrifícios de hospitalidade e nascimento, e tomar parte num festim comum com o novo filho.

*Velho*

Somos traídos, Senhora – pois sofro contigo –, pelo teu esposo, ultrajados de propósito determinado e expulsos do palácio de Erecteu. E, se falo assim, não é porque odeie o teu esposo, mas porque te amo mais do que a ele, estrangeiro, intruso na cidade e no palácio, que te desposou e recebeu toda a tua herança e aparece agora tendo filhos secretamente de outra mulher. Disse secretamente e vou explicar. Quando te viu estéril, não se contentou em ser como tu e partilhar a tua sorte, mas, num leito servil, em segredo, gerou este filho e mandou-o para o estrangeiro, dando-o a cuidar a alguém de Delfos. E, para maior segredo, a criança foi posta no templo do deus, onde tem sido criada. Quando, porém, o pai viu que seu filho era um jovem já crescido, persuadiu-te a vires para cá por causa da tua esterilidade. Assim, o deus não mentiu, mas mentiu ele, que há tanto tempo criava este filho e tecia tais planos. Se fosse descoberto, tencionava atribuir a culpa ao deus. Caso contrário, uma vez em Atenas, e prevenindo riscos futuros, preparava-se para lhe confiar o poder absoluto. Quanto ao nome de Íon, não é novo, mas apresenta-o como forjado nesta ocasião por ter encontrado o filho logo ao sair.

*Coro*

Ai! Como sempre odiei os homens perversos, que tramam o mal e o ornar em seguida de amáveis expedientes. Antes quero ter por amigo um ignorante honesto do que um mau mais instruído.

*Velho*

Mas o pior mal de todos será para ti ver entrar na tua casa, como senhor, o filho de alguma escrava, de mãe desconhecida, sem préstimo para nada. Menos grave seria o mal, se, dada a tua esterilidade, o teu

marido te tivesse persuadido a admitir na tua morada um filho um filho de mãe nobre. Mas, se com isto não te conformasses, lamentasse apenas não ter antes contraído casamento na família de Éolo. Agora, age com a habilidade que se espera de uma mulher. Pela espada, astúcia ou veneno, faz perecer teu esposo, antes que a morte te venha a ti por eles. Se não atuares com decisão, perderás a vida. Quando dois inimigos habitam sob o mesmo teto, um deles deve sucumbir. Podes contar com a minha ajuda para matar o rapaz, e por isso vou entrar na tenda onde ele prepara um banquete. Quero pagar aos meus senhores o terem-me criado, pouco me importa que morra ou continue a ver a luz do dia. Apenas uma coisa aos servos traz desonra: o nome; em tudo o mais, nenhum escravo é pior que os homens livres, desde que tenha nobres sentimentos.

*Coro*

Também eu, amada Senhora, quero, unido ao teu destino, perecer ou viver honestamente.

*Creúsa*

Ó minha alma, como posso eu calar-me?  
Mas como hei de eu também revelar os secretos  
amores, pondo de lado o pudor?  
Que obstáculo me impede ainda?  
Com quem rivalizar em virtude?  
Não se tornou o meu esposo um traidor?  
Estou privada de casa, estou privada de filhos,  
mortas são as minhas esperanças que realizar  
não pude, embora não o desejasse,  
calando para isso a minha falta,  
calando o meu parto muito chorado.  
Mas não, pelo palácio estrelado de Zeus,  
pela deusa que reina sobre os meus rochedos  
e pela margem venerável  
do lago Tritonis, rico de água,  
não ocultarei mais a minha união com o deus,  
quero aliviar-me, tirando esta carga de cima do peito.  
De meus olhos correm lágrimas,  
dói-me a alma maltratada  
por mortais e imortais,  
hei de mostrar a sua ingrata traição

aos deveres do tálamo.

Ó tu, que fazes ressoar a voz da lira  
de sete cordas, que fazes vibrar  
nos rústicos chifres sem vida  
os cantos harmoniosos das musas,  
ó filhos de Latona,  
à luz do dia te acuso.  
Vieste a mim, no esplendor da tua áurea cabeleira,  
quando, nas pregas  
do meu manto, flores de açafão eu recolhia  
para tecer grinaldas com os seus reflexos dourados.  
E agarraste os meus pulsos brancos  
enquanto eu bradava “minha mãe”,  
me arrastaste sem vergonha,  
deus sedutor,  
e fizeste o que agradava a Cípria.  
Desventurada, para ti eu dei à luz  
um filho, que por medo de minha mãe  
deitei no teu leito,  
onde – infeliz que eu sou! – a uma união desgraçada  
forçaste esta desgraçada.  
Ai de mim! E, agora, perdeu-se,  
Feito presas das aves,  
o meu filho... e o teu, deus cruel!  
Mas tu vais tocando lira,  
Entoando peanes.  
Oh!  
É a ti que eu chamo, filho de Latona,  
que proferes segundo a sorte os teus oráculos  
e, em teu trono de ouro,  
ocupas o centro da Terra.  
Que este meu grito chegue ao teu ouvido!  
Ó sedutor cobarde,  
És tu que, a meu esposo,  
sem prévio favor recebido,  
em sua morada um filho instalas,  
enquanto o meu filho e o teu, ó pai indigno,  
se perder, arrebatado pelas aves de rapina,

das faixas da mãe apartado!  
A tua Delos odeia-te e odeiam-te os teus ramos de louro,  
junto da palmeira de cabelos delicados,  
lá onde, nascimento sagrado, Latona  
te deu à luz, por obra de Zeus.

*Coro*

Ai de mim! Que grande multidão de males se abre aos meus  
olhos! Quem, vendo-a, poderá conter as lágrimas?

*Velho*

Ó minha filha, não me canso de olhar para o teu rosto, estou fora  
da minha razão. Agora mesmo uma vaga de adversidade quase  
submergia a minha alma, e já, do lado da popa, se levanta outra sob as  
tuas palavras, que, desviando-me dos males presentes, me lançam em  
maus caminhos de outros sofrimentos! Que dizes tu? Que razão tens  
contra Apolo? Que filho dizes ter concebido? Em que lugar da cidade  
dizes ter posto o teu filho, que no ventre das feras iria ser sepultado?  
Volta ao princípio.

*Creúsa*

Envergonho-me diante de ti, ó ancião! Contudo, falarei!

*Velho*

Sei bem chorar com os amigos.

*Creúsa*

Escuta, então. Tu conheces, voltada a norte, a gruta do rochedo de  
Cécrops, que chamam as Penhas Longas?

*Velho*

Conheço: perto do santuário e dos altares de Pã.

*Creúsa*

Aí mesmo sustentei uma terrível luta.

*Velho*

Qual? Às tuas palavras, as lágrimas vêm-me aos olhos.

*Creúsa*

Uni-me, desgraçada, a Febo, contra a minha vontade.

*Velho*

Ó minha filha, foi, pois, isso o que eu estranhei?

*Creúsa*

Não sei; mas, se falares verdade, dir-te-ei.

*Velho*

Quando de um sofrimento secreto gemias sem o dar a perceber...

*Creúsa*

Sim, era o mal que, só agora, te confesso.

*Velho*

E como ocultaste a união com Apolo?

*Creúsa*

Eu dei à luz... Ouve-me com paciência, meu velho amigo.

*Velho*

Onde? Quem te assistiu? Ou sofreste sozinha?

*Creúsa*

Sozinha, na gruta onde se deu a união.

*Velho*

E onde está a criança? Afinal não és estéril!

*Creúsa*

Morreu, ó velho, deixada à mercê dos animais.

*Velho*

Morreu? E Apolo, o cobarde, não a protegeu?

*Creúsa*

Não protegeu. Na mansão de Hades tem sido educada.

*Velho*

Quem a expôs? Não tu, decerto.

*Creúsa*

Eu, na noite escura, envolvendo-a no meu manto.

*Velho*

E ninguém mais colaborou na exposição da criança?

*Creúsa*

Só a desgraça e o mistério.

*Velho*

E como pudeste abandonar na gruta o teu filho?

*Creúsa*

Como? Não sem ter proferido muitas palavras de lamentação...

*Velho*

Ai! Foste dura de coração, mas o deus mais do que tu!

*Creúsa*

Se tivesses visto a criança a estender os braços para mim!

*Velho*

Procurando o teu seio, o abrigo dos teus braços?

*Creúsa*

Sim, aquele lugar donde, injustamente, a apartava.

*Velho*

Mas como é que te veio a idéia de expor a criança?

*Creúsa*

Supunha que o deus salvaria o seu filho.

*Velho*

Ai! Como a felicidade da tua casa é fustigada pelo temporal!

*Creúsa*

Porque cobres tua a cabeça, ancião, derramando lágrimas?

*Velho*

Vejo-vos infelizes, a ti e a teu pai.

*Creúsa*

Tal é a condição dos mortais; nada permanece igual.

*Velho*

Não insistamos no lamento, minha filha.

*Creúsa*

Que devo eu fazer? O infortúnio é sem recurso.

*Velho*

Vinga-te do deus, que foi o primeiro culpado.

*Creúsa*

E como, mortal, triunfarei eu da sua força?

*Velho*

Incendeia o augusto santuário de Lóxias.

*Creúsa*

Tenho medo; já tenho bastantes sofrimentos.

*Velho*

Tenta, então, o possível: matar o teu marido.

*Creúsa*

Detém-me o respeito pelo meu leito de outrora, porque ele era de nobres sentimentos.

*Velho*

Mas, pelo menos, mata o filho que surgiu contra ti,

*Creúsa*

Como? Se fosse possível, quanto o desejaria!

*Velho*

Mune os teus servos de espadas.

*Creúsa*

Estou disposta a avançar; mas onde se fará isso?

*Velho*

Nas tendas sagradas onde ele dá uma festa aos seus amigos.

*Creúsa*

Um assassinio em público é coisa complicada para fracos escravos.

*Velho*

Para ambas estou ao teu serviço.

*Creúsa*

Escuta, então. Conheces a guerra dos Gigantes?

*Velho*

Sim, aquela que, em Flegra, os Gigantes travaram com os deuses.

*Creúsa*

Então a Terra deu à luz Górgona, monstro terrível.

*Velho*

Para ajudar seus filhos a oprimir os deuses?

*Creúsa*

Sim, e a deusa Palas, filha de Zeus, matou-<sup>a</sup>

*Velho*

Que aspecto tinha a sua forma selvagem?

*Creúsa*

Uma couraça circundada de serpentes.

*Velho*

É essa a história eu, em tempos, ouvi?

*Creúsa*

Atena sobre o teu peito traz a pele deste monstro.

*Velho*

É a chamada égide, a armadura de Palas?

*Creúsa*

Recebeu esse nome do ímpeto com que ela se lançou no combate dos deuses.

*Velho*

Mas que mal, minha filha, pode isso fazer aos teus inimigos?

*Creúsa*

Conheces Ericetônio ou...? Como não havias de o conhecer, ancião?

*Velho*

O vosso primeiro antepassado que saiu da Terra?

*Creúsa*

Palas deu-lhe, ao nascer...

*Velho*

O quê? Tardas a falar.

*Creúsa*

Duas gotas de sangue da Górgona.

*Velho*

E que ação tem elas sobre a natureza humana?

*Creúsa*

Uma dá a morte, a outra cura os males.

*Velho*

Como as fixou ela no corpo da criança?

*Creúsa*

Por uma cadeia de ouro; e deu-a a meu pai.

*Velho*

E, por sua morte, ela passou para ti?

*Creúsa*

Sim, e trago-a no pulso.

*Velho*

E como age a dupla dádiva da deusa?

*Creúsa*

O sangue que brotou da veia cava...

*Velho*

Para que serve ele? Que poder possui?

*Creúsa*

Afasta os males e conserva a vida.

*Velho*

E a Segunda gota de que falas, que faz ela?

*Creúsa*

Mata. É o veneno das serpentes da Górgona.

*Velho*

Traze-las misturadas ou cada uma à parte?

*Creúsa*

À parte; não se mistura o bom com o mau.

*Velho*

Cara filha, tens tudo quanto te é preciso.

*Creúsa*

O filho morrerá por este meio; mas tu serás o seu assassino.

*Velho*

Onde e como? Falar é o teu papel, ousar – o meu.

*Creúsa*

Em Atenas, logo que ao meu palácio chegue.

*Velho*

Discordo do teu plano, como tu discordaste do meu.

*Creúsa*

Por quê? Receias o que também me vem aos espíritos?

*Velho*

Serás considerada assassina, mesmo se não o matares.

*Creúsa*

Tens razão. Fala-se muito dos ciúmes das madrastas.

*Velho*

Mata-o, pois, aqui mesmo, onde poderás negar o assassinio.

*Creúsa*

Pelo menos, saboreio mais cedo o prazer.

*Velho*

E dissimularás a teu esposo o teu conhecimento do seu segredo.

*Creúsa*

Sabes, pois, o que é preciso fazer? Recebe de minha mão este objeto de ouro de Atena, jóia antiga, e vai ao lugar onde meu esposo celebra um sacrifício em segredo. Quando a refeição terminar e se prepararem para fazer as libações aos deuses, tira o veneno que levas sob as tuas vestes e deita-o ao jovem... – mas a ele só, não a todos; reserva a bebida para aquele que está a pensar em ser senhor na minha casa. Se o veneno lhe passar na garganta, jamais ele chegará à gloriosa Atenas: aqui mesmo ficará morto.

*Velho*

E tu, agora, dirige os teus passos para casa dos próximos. Eu tratarei de cumprir as ordens. Vamos, ó velho pé, sê jovem na ação, embora a idade não to permita. Contra este adversário avancemos com os nossos amos, ajudemos a matá-lo e eliminá-lo de nossa casa. Em tempo próspero, é belo honrar a piedade; mas, se alguém quer a seus inimigos causar mal, não há lei que o possa impedir.

*(Saem.)*

### 3.º Estásimo

#### Coro

*Estrofe 1.ª*

Einódia, filha de Deméter,  
tu, que governa os noturnos assaltos,  
guia hoje, em pleno dia, ao fim a que a destina  
minha augusta Senhora,  
a taça mortífera, cheia das gotas de sangue  
da degolada Górgona, nascida da Terra.  
Guia-a para aquele que quer ser senhor  
do palácio de Erecteu.  
Que jamais outro intruso de outra raça  
possa reinar em Atenas,  
cujo cetro pertence aos nobres Erectidas!

*Antiestrofe 1.ª*

Mas se a minha Senhora  
não levar a bom termo  
os seus planos de morte e as tuas tentativas  
e deixar fugir o momento de ousar,  
pelo qual, agora, surgiu a esperança,  
contra si erguerá uma espada aguçada,  
ou deitará um laço à volta do seu colo.  
Com outras dores acabando suas dores,  
passará a outra forma de existência.  
Enquanto viva, jamais suportará ver,  
com a luz brilhante dos seus olhos,  
estrangeiros a reinar no seu palácio,  
ela que de nobre raça nasceu!

*Estrofe 2.ª*

Sinto vergonha pelo deus  
celebrado por tantos hinos, se, junto da fonte de Calícoro,  
durante a vigília noturna, este estrangeiro puder olhar  
para os archotes que assistem ao cortejo do vigésimo dia  
quando nas danças sagradas tomam parte  
o éter estrelado de Zeus, a lua  
e as cinquenta filhas

de Nereu, que, no fundo do alto mar  
e nos redemoinhos das correntes inexauríveis,  
dançam em coro  
em honra da donzela coroada de ouro  
e da mãe augusta.  
Aqui espera ela reinar,  
apoderando-se dos bens alheios,  
o vagabundo de Febo.

*Antiestrofe 2.<sup>a</sup>*

Vós, que em árias infamantes,  
seguindo a Musa, cantais os nossos amores  
ilegais e ímpios,  
vede quanto em virtude excedemos  
a iníqua geração dos homens!  
Que a vossa palinódia dum a musa agressiva  
nos homens denuncie  
as uniões ilícitas.  
É que o filho de Zeus  
revela ingratidão,  
gerando para ele só  
uma posteridade que não partilha  
com a minha Senhora:  
tendo encontrado favor  
noutros amores,  
conseguiu um filho bastardo.

#### 4.º Episódio

*Servo* (entrando à pressa.)

Onde estará, ó mulheres, a nossa ilustre soberana, filha de Erecteu? Andei por toda a cidade à sua procura e não consegui encontrá-la.

*Coro*

Que há, companheiro de servidão? Que pressa é a tua e que novas trazes?

*Servo*

Somos perseguidos. Os chefes deste país procuram-na para que morra lapidada.

*Coro*

Ai de mim, que dizes? Será que descobriram o nosso plano de matar secretamente o jovem?

*Servo*

Exatamente. Partilharás, não entre os últimos, do castigo.

*Coro*

Como se desvendou o expediente secreto?

*Servo*

Não querendo ver o seu templo profanado, o deus revelou a tentativa de vencer a injustiça pela justiça.

*Coro*

Como? Suplico-te que me digas. Conhecendo os fatos, será menos cruel a morte, se temos de morrer. E será mais agradável a vida...

*Servo*

Assim que saiu do templo, levando consigo o seu novo filho para o festim e para o sacrifício em honra dos deuses, o marido de Creúsa foi para onde se vê saltar o fogo do deus báquico, a fim de banhar com o sangue das vítimas os dois rochedos de Dioniso, em ação de graças pelo filho encontrado. E disse: "Fica tu aqui, meu filho, e monta, pelo trabalho

de artífices, uma tenda bem ajustada a toda a volta. E se, ocupado com sacrifícios aos deuses do Nascimento, me demorar muito, serve a teus amigos presentes o banquete.” Pegou nas novilhas e partiu. O jovem marcou com estacas, solenemente, os contornos não murados da tenda, depois de observar, cuidadosamente, os raios do Sol, para que ela não ficasse exposta aos fogos do meio-dia, nem tampouco aos que terminam no ocidente. Deu a medida dum pletro aos lados dos ângulos retos, com o espaço interior de dez mil pés, como dizem os peritos, a fim de convidar para o banquete todo o povo de Delfos. E cobriu a tenda com tecidos sacros dos tesouros, maravilha para os olhos dos homens. Em primeiro lugar, mandou lançar sobre o telhado um panejamento, que o filho de Zeus, Hércules, consagrara ao deus como despojo das Amazonas. Estavam tais tecidos urdidos com figuras: Urano no círculo do éter reunindo os astros; Hélios guiando os seus cavalos para a última chama do dia arrastando a luz brilhante da Estrela da Tarde; a Noite, de negra veste, conduzindo o seu carro puxado por uma só parelha, e os astros seguindo a deusa; a Plêiade avançando no meio do éter, com ela Órion, armado de espada e, no alto, a Ursa voltado a sua cauda dourada para o pólo; o disco da lua cheia que divide o mês, dardejando de cima os seus raios; as Híades, sinal aos mareantes tão seguro, e a Aurora, portadora de luz, expulsando os astros. E, sobre as paredes, dispôs também tapeçarias orientais, com naus bem guarnecidas de remos em face das helênicas, monstros metade homens, metade animais, e cavaleiros caçando veados e perseguindo ferozes leões. À entrada, junto de suas filhas, Cécrops, desenrolando as suas espirais, oferta de algum ateniense. E, no meio da sala, colocou as taças douradas. Então um arauto, levantando-se na ponta dos pés, anunciou que podiam tomar parte no banquete todos os Delfios que quisessem. E, quando a tenda se encheu, todos se coroaram de flores, e se saciaram de abundante alimento. Depois que se acalmou o apetite, um velho, avançando para o meio da tenda, provocou a hilaridade dos convivas, com o seu zelo obsequioso, porque, ora trazia a água dos jarros para lavar as mãos, ora queimava essência de mirra, ora se encarregava das taças douradas, atribuindo-se a si próprio este serviço. E, quando chegou a hora das flautas e do crater comum, o velho disse: “É preciso retirar as pequenas taças de vinho e trazer as grandes, para alegrar mais depressa o coração dos convivas.” Era um fervilhar dos que traziam taças de prata lavada e taças de ouro; e, escolhendo uma, como para prestar homenagem ao seu novo Senhor, o velho deu-lha cheia, lançando no vinho um veneno

poderoso, que – dizem – a nossa Soberana Ihe tinha dado para que o filho recém-descoberto deixasse a vida. E ninguém era sabedor disto. Mas, quando o filho revelado segurava nas mãos, com os outros, a taça das libações, um servo proferiu uma palavra de mau agouro. Ele, criado no templo entre bons adivinhos, entendeu o presságio e ordenou que enchessem outro crater. Entretanto, ofereceu à terra a libação já preparada do deus e mandou a todos fazer o mesmo. Fez-se silêncio. Com água e vinhos dos Montes Bíblinos enchemos os crateres sagrados. Enquanto assim estamos ocupados, irrompem na tenda, em bando, as pombas que no templo de Lóxias tranqüilamente habitam: no vinho espalhado, mergulham avidamente o bico, conduzindo a bebida aos seus pescoços de bela plumagem. Para todas a libação do deus foi inofensiva, exceto para uma só: a que pousou onde o novo herdeiro tinha derramado o vinho, e saboreou a bebida, e imediatamente sacudiu, em delírio, o seu corpo de belas penas, e soltou, gemendo, um grito ininteligível. Toda a multidão dos convivas ficou estupefata, ao ver o sofrimento da ave, que, palpitando, morre, estendendo as patas purpúreas. Então, o filho anunciado pelo oráculo, arremessando o manto, lança os braços nus sobre a mesa, gritando: “Quem é que me queria matar? O seu nome, velho! Era então este o teu zelo: da tua mão recebi a taça!” Imediatamente agarra o velho pelo braço e interroga-o, a fim de o apanhar em flagrante. Descoberto, este denuncia, a custo, sob a ação de tortura, a audaciosa resolução de Creúsa e o expediente da bebida. Logo o jovem revelado pelo oráculo de Lóxias corre para fora da tenda, acompanhado pelos convivas, e, procurando os magistrados píticos, declara: “Ó Terra augusta, a filha de Erecteu, mulher estrangeira, tentou matar-me com veneno!” Então, os senhores de Delfos decidiram, por muitos sufrágios, que, precipitada do alto de um rochedo, a nossa Rainha morresse por ter planejado a morte de um jovem consagrado e introduzido o assassinio no santuário. E toda a cidade procura esta mulher que, desgraçadamente, empreendeu esta infeliz viagem. É que, vindo ao santuário de Febo pelo desejo de ter filhos, acaba por perder filhos e vida.

#### 4.º Estásimo

##### *Coro*

Não há, não há  
para nós, infelizes, meio de escapar à morte!  
É visível, é visível  
que à libação das uvas de Dioníso  
foram misturadas as gotas mortais  
de veneno da célere víbora!  
É visível! Somos vítimas destinadas aos deuses infernais!  
A desgraça acabará com a nossa vida,  
uma chuva de pedras destruirá a nossa rainha!  
Por que fuga alada,  
ou em que esconderijo obscuro da Terra,  
poderemos escapar à morte por lapidação?  
Salvar-nos-emos numa quadriga,  
puxada por cavalos velozes  
ou sobre a popa de um navio?

Mas não nos é possível escondermo-nos, a menos que um deus  
queira subtrair-nos aos olhares.  
Pobre Senhora, quantas dores  
Terás ainda de sofrer na tua vida!  
Será que nós, que queríamos a perda do próximo,  
acabaremos vítimas, segundo justiça?

***Êxodo***

***Creúsa*** (*chegando aflita.*)

Minhas servas, perseguem-me para me matar: estou sob a alçada dum decreto pítico e vão entregar-me.

***Coro***

Conhecemos, ó infeliz, o teu infortúnio, sabemos da tua sorte.

***Creúsa***

Para onde fugir? Com dificuldade me afastei de casa para não morrer e, movendo-me furtivamente, escapei aos meus inimigos.

***Coro***

Que outro refúgio melhor que o altar?

***Creúsa***

Mas de que me pode ele servir?

***Coro***

Não é lícito matar o suplicante.

***Creúsa***

Sim, mas a lei decreta a minha morte.

***Coro***

Só se caíres nas mãos deles...

***Creúsa***

Ei-los, os meus adversários cruéis! Armados de espadas, apressam-se na minha direção!

***Coro***

Senta-te nos degraus do altar. Se morreres aqui, o teu sangue clamará por vingança para os que te matarem. Aceita a tua sorte.

***Íon***

Ó Céfiso, antepassado com forma de touro, que víbora nascida de ti é esta, ou que serpente, cujos olhos despedem chamas mortais? Toda a

audácia está nela, e não é menos nociva que o sangue da Górgona, com que devia matar-me. Agarra-a para que as suas tranças intactas sejam cardadas pelas esarpas do Parnaso., do cimo das quais será lançada. Ainda bem que isto aconteceu antes de chegar à cidade de Atenas e ficar à mercê de uma madrastra: entre amigos, medi a tua alma e, no mal que fizeste, toda a extensão do teu ódio. Se, na tua morada, me tivesse lançado a rede, ter-me-ias mandado de vez para a mansão de Hades. Mas nem o altar, nem o templo de Apolo te salvarão; a compaixão, reservo-a para mim e para a minha mãe, porque, se o seu corpo está longe daqui, o seu nome está sempre presente. Vede a malvada, como tece ardil após ardil; agachou-se no altar do deus, para não sofrer o castigo dos seus atos.

*Creúsa*

Proíbo-te que me mates, em meu nome e no nome do deus em cujo santuário estou.

*Íon*

Que há de comum entre ti e Febo?

*Creúsa*

Consagro o meu corpo e dou-o ao deus.

*Íon*

E, entretanto, envenenavas alguém votado ao deus!

*Creúsa*

Já não eras de Lóxias, mas de teu pai.

*Íon*

Passei a ser do meu pai, mas é a minha anterior filiação que me refiro.

*Creúsa*

Eras então de Lóxias, mas agora, sou eu dele, tu já não és.

*Íon*

Falta-me a minha piedade, porque a minha vida foi sempre irrepreendível.

*Creúsa*

Tentei matar um inimigo da minha casa.

*Íon*

Todavia, não vim com armas contra o teu país.

*Creúsa*

Não é essa a minha opinião, havias, pelo menos, de incendiar o palácio de Erecteu.

*Íon*

Com que tochas ou chamas?

*Creúsa*

Querias habitar a minha casa contra a minha vontade.

*Íon*

Meu pai dava-me a terra que ganhou.

*Creúsa*

Que direitos sobre a terra de Palas têm os descendentes de Éolo?

*Íon*

Ele salvou-a pelas armas, não pela palavra.

*Creúsa*

Um estrangeiro aliado não pode possuir a terra.

*Íon*

E tentaste matar-me, com receio do que pudesse acontecer?

*Creúsa*

Com medo de morrer, se te resolvesses a agir.

*Íon*

Como não tens filhos, sentes ciúmes de que meu pai me tenha encontrado!

*Creúsa*

Vais tu apoderar-te dos bens daqueles que não têm filhos?

*Íon*

Não tinha eu parte, pelo menos, na riqueza de meu pai?

*Creúsa*

Que riqueza? Escudo e lança. São tua plena propriedade!

*Íon*

Deixa o altar e os assentos sagrados!

*Creúsa*

Quando encontrares a tua mãe, fala-lhe nesse tom!

*Íon*

E tu não sofrerás castigo, tu que tentaste matar-me?

*Creúsa*

Só se quiseres imolar-me dentro deste santuário.

*Íon*

Que prazer tens tu em morrer com as fitas do deus?

*Creúsa*

Atormentarei alguém por quem fui atormentada.

*Íon*

Ai! É terrível verificar como são pouco sábias as leis que o deus fez para os mortais! Em vez de sentarem no altar os injustos, deveriam expulsá-los: não está certo que mão indigna toque os deuses. Apenas os justos, sempre que fossem ofendidos, deveriam sentar-se nos altares. É absurdo que, quem recorre ao mesmo altar, seja tratado igualmente pelos deuses, quer seja bom quer não seja.

*Pítia* (entra, trazendo um cesto, cujo conteúdo está oculto por uma cobertura.)

Para, meu filho. Eu deixo a trípode profética e transponho este limite, eu, profetisa de Febo, que conservo, escolhida entre todas as Dêlfias, o costume antigo da trípode.

*Íon*

Salve, querida mãe, embora não me concebesses!

*Pítia*

Assim sou chamada e o nome não me é amargo.

*Íon*

Ouviste como esta mulher me tentava matar traiçoeiramente?

*Pítia*

Ouvi; mas tu, também, sendo duro, pecas.

*Íon*

Não deverei fazer perecer os assassinos?

*Pítia*

As esposas são sempre hostis aos enteados.

*Íon*

E nós às madrastas que nos fazem sofrer.

*Pítia*

Não; deixa o templo e, regressando à pátria...

*Íon*

Que devo então eu fazer, na tua opinião?

*Pítia*

Vai para Atenas, sem mancha, sob bons auspícios.

*Íon*

Todo aquele que mata os seus inimigos está sem mancha.

*Pítia*

Tu não! Escuta as palavras que tenho para te dizer.

**Íon**

Fala, porque a amizade ditará as tuas palavras.

**Pítia**

Vês este cestinho que tenho nos meus braços?

**Íon**

Vejo um velho cesto com fitas.

**Pítia**

Nele te recolhi, em tempos, criança recém-nascida.

**Íon**

Que dizes tu? Trazes uma mensagem nova.

**Pítia**

Mantive os fatos em silêncio, mas, agora, revelo-os.

**Íon**

Porque escondias isto que recolheste há tanto tempo?

**Pítia**

O deus queria ter-te por servidor na sua casa.

**Íon**

E, agora, não deseja? Como posso eu saber que é assim?

**Pítia**

Ao revelar-te o teu pai, faz-te sair do país.

**Íon**

E tu conservas este objeto em cumprimento de alguma ordem, ou por que razão?

**Pítia**

Lóxias pôs, então, no meu coração...

**Íon**

Fazer o quê? Fala, acabou o teu discurso.

*Pítia*

Guardar este achado, até o dia de hoje.

*Íon*

Mas que vantagem ou desvantagem pode ele ter para mim?

*Pítia*

Esconde as faixas que te envolviam.

*Íon*

Trazes-me um meio de encontrar a minha mãe?

*Pítia*

Sim, agora que o deus o deseja; antes, não.

*Íon*

Ó dia de felizes revelações!

*Pítia*

Toma-o e procura descobrir aquela que te deu à luz.

*Íon*

Percorrerei toda a Ásia e os confins da Europa.

*Pítia*

Decide por ti próprio. Pela vontade do deus te criei, meu filho, e te restituo o que, por seu desejo, não por sua ordem, eu tinha recebido e guardado. Por que quis ele assim? Ignoro-o. Ninguém entre os mortais, sabia que eu tinha isto, nem em que lugar o escondera. Adeus! Como uma mãe, te abraço. Começa por onde deves, a procurar tua mãe: vê, primeiro, se foi alguma donzela délfia que te deu à luz e te expôs no templo; passa depois às outras Gregas...

Agora sabes tudo de mim e de Febo, que teve grande parte na tua fortuna.

*Íon*

Ai! Ai! Como de meus olhos correm lágrimas, quando penso nesse momento em que minha mãe, depois de uma união clandestina, me expôs em segredo, recusando-me o seu seio. Sem nome, na morada do deus levei uma vida de servo. O deus foi-me benigno, mas o destino, cruel. É que, no tempo em que eu devia ser amimado nos braços maternos e desfrutar algo da vida, dos cuidados de uma mãe, que a mesma dor sofreu, perdendo a alegria de um filho. Agora vou levar este cesto ao deus como oferenda não vá eu descobrir o que eu não quero. É que, se a mãe que eu encontrar for alguma escrava, descobri-la é pior que deixar as coisas como estão. Febo, consagro-te esta oferenda no teu templo... E, contudo, que se passa em mim? Oponho-me à vontade do deus que me guardou este sinal de reconhecimento da minha mãe. É preciso abrir este cesto e ter coragem; não posso transgredir o que é marcado pelo destino. Ó fitas sagradas, que me escondeis? E vós, laços, guardadores do meu caro segredo? Eis como a cobertura do cesto redondo, por mercê divina, não envelheceu, e o mofo está ausente do vime entrelaçado! No entanto, já decorreu tanto tempo!

*Creúsa*

Que prodígio inesperado vejo?

*Íon*

Cala-te; muitas coisas antes me soubeste...

*Creúsa*

Não ficarei em silêncio; não me repreendas. É que eu estou a ver o cesto onde, em tempos, te expus, ó meu filho, ainda criança recém-nascida, na gruta de Cécrops, na concavidade das Penhas Longas. Deixarei o altar, mesmo que seja preciso morrer.

*Íon*

Agarra-a. Está enlouquecida pelos deuses. Saltou do altar, deixando as estátuas. Atai-lhe as mãos.

*Creúsa*

Matem-me, não hesitem, que não largarei este cesto, nem a ti, nem aos teus bens ocultos.

*Íon*

Não é terrível tudo isto? Estou manietado pela sai palavra.

*Creúsa*

Não: quem te ama, em ti encontra o ser amado.

*Íon*

Eu, amado por ti? E tentavas matar-me em segredo?

*Creúsa*

Mais ainda, és meu filho. Haverá algo de mais caro para as mães?

*Íon*

Deixa-te de invenções! Vou agarrar-te bem.

*Creúsa*

Faz isso, meu filho, é isso mesmo que eu desejo.

*Íon*

Este cesto está vazio ou encerra alguma coisa?

*Creúsa*

As tuas roupas, com que te outrora te expus.

*Íon*

E és capaz de as nomear sem as ver?

*Creúsa*

Oh! Sim! Se não o fizeer, não me importo de morrer.

*Íon*

Fala: é verdadeiramente extraordinária a tua ousadia!

*Creúsa*

Por favor, vê: o tecido que, em jovem, confeccionei...

*Íon*

De que gênero? Há muitos tecidos de jovens.

*Creúsa*

Nada de perfeito, é um trabalho de principiante da minha lançadeira.

*Íon*

Que forma tem? Não podes enganar-me nisto.

*Creúsa*

Uma Górgona, no meio dos fios da urdidura.

*Íon*

Ó Zeus, que destino me persegue?

*Creúsa*

O tecido é franjado de serpentes, como uma égide.

*Íon*

Vê! Aqui está o tecido, já que estamos a desvendar o oráculo.

*Creúsa*

Ó trabalho de donzela do meu tear, visto depois de tanto tempo!

*Íon*

Há alguma coisa mais, ou só acertaste uma vez?

*Creúsa*

Serpentes, um velho objeto, todo de ouro na sua feitura, dádiva de Atena, que manda as crianças usarem-no, à imitação de Ericetônio, nosso antepassado.

*Íon*

Manda fazer o quê, diz-me, fazer que uso do objeto de ouro?

*Creúsa*

Um colar para recém-nascidos, meu filho.

*Íon*

Aqui estão; mas fala-me do terceiro objeto.

*Creúsa*

Pus, então, sobre ti uma coroa de oliveira, daquela que Atena trouxe um dia para o seu rochedo. Se ela aí está, jamais perde o seu viço, floresce sempre, colhida na oliveira sagrada.

*Íon*

Ó mãe querida, como me sinto feliz por me inclinar para o teu rosto feliz!

*Creúsa*

Ó meu filho, luz para uma mãe mais doce do que o Sol  
- o deus me perdoará - tenho-te nos meus braços,  
descoberta inesperada, eu que te julgava entre os mortos,  
a habitar com Perséfone no seio da terra.

*Íon*

Ó minha querida mãe, finalmente nos teus braços: estava morto e apareço vivo!

*Creúsa*

Oh! Oh! Vastas extensões do éter resplandecente,  
que grito soltarei,  
que clamor lançarei?  
Donde me vem esta alegria inesperada?  
Donde esta felicidade?

*Íon*

Eu podia esperar tudo, mãe, menos ser teu filho.

*Creúsa*

Tremo ainda de medo.

*Íon*

De não me possuir, quando já me possuis?

*Creúsa*

Eu tinha perdido toda a esperança no futuro!  
Donde, ó mulher, donde recolheste,  
em teus braços, o meu filho?  
Que mão o conduziu ao templo de Lóxias?

*Íon*

Isso diz respeito ao deus; mas, no que resta da fortuna, possamos nós ser felizes, com dantes fomos infelizes.

*Íon*

Meu filho, foste, entre lágrimas, dado à luz  
e, entre gemidos, arrancado dos braços de tua mãe,  
mas, agora, a minha respiração acaricia as tuas faces:  
encontrei a mais doce felicidade.

*Íon*

Falando por ti, falas também por mim.

*Creúsa*

Já não sou mulher estéril, já não sou mãe sem filhos.  
A casa tem um lar, a terra um príncipe:  
regressa à juventude Ericteu.  
O palácio da raça autóctone já não está mergulhado nas trevas,  
para os raios do Sol levanta os seus olhos.

*Íon*

Mãe, meu pai, estando aqui, devia também partilhar esta alegria que vos dei.

*Creúsa*

Ó meu filho,  
que dizes? Como eu tenho vergonha de confessar!

*Íon*

Não compreendo.

*Creúsa*

De outra, de outra origem nasceste.

*Íon*

Ai de mim! Tu, donzela, deste à luz a um bastardo?

*Creúsa*

Não foi acompanhado de tochas nem de danças  
Que o meu himeneu,  
meu filho, originou o teu ser.

*Íon*

Ai! Sou de origem ignóbil. De quem descendo eu, mãe?

*Creúsa*

Por testemunha dou aquela que matou Górgona...

*Íon*

Que pretendes tu com essas palavras?

*Creúsa*

Aquela que sobre os meus rochedos,  
na colina que produz oliveiras  
está sentada.

*Íon*

Dizes coisas enganadoras, pouco exatas.

*Creúsa*

Junto à rocha onde os rouxinóis cantam,  
a Febo...

*Íon*

Por que nomeias Febo?

*Creúsa*

Em segredo me uni...

*Íon*

Continua, porque vais dizer algo que é bom e agradável para mim.

*Creúsa*

E, no curso do décimo mês, nasceste tu,  
fruto de secretas dores, filho de Febo.

*Íon*

Oh, que palavras felizes, se o que dizes é verdadeiro!

*Creúsa*

Com medo de minha mãe,  
envolvi-te nestas faixas virginais,  
onde vagueava a minha lançadeira,  
e não te alimentei com o meu leite,  
não te dei o meu sio de mãe, nem te lavei com as minhas mãos:  
ao bico das aves e à sua fúria assassina;  
lancei-te ao Hades.

*Íon*

Ó mãe, tiveste uma horrível coragem!

*Creúsa*

Dominada pelo terror, meu filho,  
expus a grave perigo a tua vida,  
contra a minha vontade tentei matar-te.

*Íon*

E, por mim, ias morrendo impiamente.

*Creúsa*

Oh! Foi terrível o que nos aconteceu outrora,  
terríveis também os sucessos recentes. Sacudidos dum lado para o outro,  
passamos da má fortuna à boa sorte.  
Os ventos mudaram.  
Possam eles permanecer! Antes, muitas calamidades; mas agora,  
meu filho, uma brisa favorável no meio destes males surgiu.

*Coro*

Que ninguém jamais, vendo o que acontece agora, tenha algum destino mortal por impossível.

*Íon*

Ó tu, que causas inúmeras mudanças nos mortais e os tornas infelizes e felizes alternadamente, ó Fortuna, que perto eu estive de assassinar a minha mãe e de sofrer uma sorte indigna! Ah! Será possível que, numa só revolução, o

Sol ilumine tudo isto que eu conheci no espaço de um dia? Pois eu te encontrei, mãe, doce encontro, e não tenho nada de que me queixar, penso eu, do meu nascimento. Mas gostaria de, a ti só, dizer um coisa. Chega aqui: quero falar-te ao ouvido e lançar sobre o assunto um véu de obscuridade. Olha, mãe, não terás tu caído, com a fraqueza da juventude, num amor secreto, atribuindo depois a culpa ao deus? É para escapar à vergonha que sentes por mim que dizes ter-me concebido a Febo, não tendo eu sido gerado por um deus?

*Creúsa*

Não, por Atena Nike, que sobre o seu carro se bateu ao lado de Zeus contra os Gigantes, não é teu pai nenhum mortal, mas, precisamente aquele que te alimentou, o senhor Lóxias.

*Íon*

Como deus ele então o seu próprio filho a outro pai, afirmando que eu nasci de Xuto?

*Creúsa*

Ele não fez tal afirmação, apenas te ofereceu a Xuto, embora te tenha gerado. Não dá um homem o seu filho a um amigo para ser herdeiro da casa?

*Íon*

Profere o deus oráculos verdadeiros ou vãos? Com razão, mãe, tenho o espírito perturbado.

*Creúsa*

Escuta, então, meu filho, a idéia que me ocorreu. Para teu bem, Lóxias instala-te numa nobre casa; declarado filho do deus, não poderias ter a herança nem o nome paternos. Como seria isso possível, se eu própria tinha escondido a minha união e tentava, secretamente, matar-me? É para tua felicidade que ele te dá a outro pai.

*Íon*

Não me contentarei assim facilmente com essas explicações: vou entrar no templo e perguntar a Febo se sou filho de um mortal ou de Lóxias. Ah! Que deus revela, no cimo da casa onde se oferecem sacrifícios, o rosto voltado para o sol? Fugamos, mãe, não olhemos os deuses, talvez não seja este o momento oportuno de os olhar.

*Atena (aparecendo por cima do templo.)*

Não fujam; não sou nenhuma inimiga para fugirdes de mim. Aqui, como em Atenas, velo por vós. Sou Palas e venho da vossa terra, a que dei o nome. Acorro da parte de Apolo, que à vossa presença não julgou oportuno vir, não fosse alguém censurá-lo pelo passado. Envia-me para vos dizer estas palavras: esta mulher concebeu-te por obra de Apolo, que te deu a quem não te gerou, para ocupares um lugar reconhecido na mais nobre das casas. E quando o assunto foi descoberto e revelado, temendo que tu perecesses pelos planos de tua mãe, e ela por ti, salvou-vos com hábeis expedientes. A intenção do deus era passar em silêncio estes fatos e, só em Atenas, te dar a conhecer o teu filho, Creúsa, e a ti, Íon, fazer-te saber que nasceste de Creúsa e de Febo. Mas, para concluir este assunto, ouvi agora os oráculos do deus, que me fizeram atrelar o meu carro: Creúsa, vai, com o teu filho, para o país de Cécrops e senta-o no trono real, porque, descendendo de Erecteu, pertence-lhe reinar sobre a minha terra. Ele será glorioso pela Hélade. Seus quatro filhos, nascidos de um mesmo tronco, darão o nome à terra e aos povos da região cindida em tribos, que habitam o meu rochedo. O primeiro será Géleon, depois virão os Hopletes, a seguir os Árgades e, do nome da minha égide, os Egícores. E os filhos deles, quando chegar o tempo marcado pelo destino, estabelecer-se-ão como colonos nas cidades insulares das Cidades e nas regiões litorais, o que dará força ao meu país. Depois habitarão as planícies dos dois continentes, de cada lado dos estreitos: Ásia e Europa. E, chamados Iónios, em homenagem ao nome de Íon, alcançarão a glória. De Xuto e de ti, Creúsa, uma posteridade comum nascerá: Doro, por quem será ilustre o Estado dório, na terra de Pélops; o segundo filho, Aqueu, será rei da terra marítima perto de Ríon, e um povo terá dele o seu nome.

Assim, Apolo conduziu tudo bem. Primeiro, fez que tivesses o teu filho sem sofrimento e ninguém soube de nada, graças a ele. Quando puseste no mundo a criança e a envolveste em faixas, pediu a Hermes que a recolhesse em seus braços e a trouxesse para cá, alimentou-a e não permitiu que morresse. Agora, tu não reveles que esta criança é tua, para que a ilusão possa agradavelmente possuir Xuto, e abandona este templo, mulher, com o teu bem. Adeus! Depois deste alívio, concedido aos vossos males, prometo-vos um destino próspero.

*Íon*

Ó Palas, filha do grande Zeus, ouvi a tua palavra cheio de confiança; creio que Lóxias é me pai e Creúsa minha mãe. Que pena não ter acreditado anteriormente!

*Creúsa*

Ouve-me, agora: eu louvo Febo, que antes não louvava, porque me restitui o filho do qual, em tempos, se esquecera. Belos são para mim estes portais e os oráculos do deus, que antes me eram odiosos. Agora, com alegria, suspendo as mãos, nas argolas e despeço-me destas portas.

*Atena*

Apraz-me que exaltes o deus, que tenhas mudado de opinião. De fato, a justiça dos deuses pode tardar, mas no fim é eficaz.

*Creúsa*

Vamos para casa, meu filho.

*Atena*

Ide, que eu vos escolto.

*Creúsa*

Ó guia preciosa!

*Atena*

E amiga da cidade.

*Creúsa*

Vai sentar-te no trono ancestral.

*Íon*

Preciosa herança!

*Coro*

Adeus, Apolo, filho de Zeus e de Latona! Quem vê, sobre o seu teto, encarniçar-se a desgraça, deve honrar os deuses e ter confiança, porque os bons terão, no fim, a felicidade de que são dignos, e os maus, pela sua natureza, jamais poderão ser felizes.